



CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

TATIANE APARECIDA SANTOS GUIMARÃES

**MEMÓRIAS CALIGRAFADAS NO CONTO “AQUELE ANO EM RISHIKESH”, DE
ADRIANA LISBOA**

GUARABIRA - PB
2018

TATIANE APARECIDA SANTOS GUIMARÃES

**MEMÓRIAS CALIGRAFADAS NO CONTO “AQUELE ANO EM RISHIKESH”, DE
ADRIANA LISBOA**

Trabalho apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de Graduada em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes.

GUARABIRA - PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G963m Guimarães, Tatiane Aparecida Santos.
Memórias caligrafadas no conto "Aquele ano em Rishikesh", de Adriana Lisboa [manuscrito] / Tatiane Aparecida Santos Guimaraes. - 2018.
48 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura brasileira contemporânea. 2. Personagem. 3. Identidade e Memória. I. Título
21. ed. CDD 801.95

Tatiane Aparecida Santos Guimarães

**MEMÓRIAS CALIGRAFADAS NO CONTO “AQUELE ANO EM RISHIKESH”, DE
ADRIANA LISBOA**

Aprovada em 04 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

João Paulo da Silva Fernandes.

Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes / UEPB
Orientador

Rosângela Neres A. Silva

Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva / UEPB
Examinadora

Clara B. de J. Vasconcelos

Prof.^a Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos / UEPB
Examinadora

*Façamos das antigas memórias
As grandes armas da esperança
E tiremos das doces lembranças
A matéria-prima para novas histórias!*

(Lucas Ferreira)

À Márcia, minha Mãe, por ser meu alicerce em todas as áreas de minha vida, por sempre me motivar e acreditar em mim e nos meus sonhos, me fazer tirar forças de onde eu nem sabia que tinha para lutar e

por ser minha inspiração de fé, de amor e de perseverança, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força que me deu para que eu pudesse chegar até esse momento, ser o que sou, pois sei que sem Ele eu não seria capaz de dar nenhum passo.

O meu agradecimento também e minha mãe pelo amor incondicional e dedicação a mim, e aos meus irmãos João Paulo e Vinícius, pelo amor e parceria, por tudo o que fizeram e fazem por mim, essa conquista é nossa!

Agradeço aos meus padrinhos, Joana D´arc e Ronaldo, ao meu avô José Maximiano, e também aos meus tios, primos e amigos pela motivação e as orações que sempre dedicaram a mim, amo vocês!

Às minhas amigas Érica Thaís, Claudineia Bezerra e Celiane Alves por serem as melhores amigas que alguém poderia ter. Obrigado pelo apoio, pelo carinho e pela amizade duradoura que temos, vocês são parte de mim.

Aos professores que tive a honra de conviver no decorrer desse curso, em especial ao professor João Paulo, pela parceria que construímos, pelo conhecimento transmitido a mim, pela paciência, generosidade e pela disponibilidade de me ajudar na construção desse trabalho! Muito obrigada!

Em se tratando de agradecimentos, não poderia me esquecer também das pessoas que tive o prazer em conhecer na carreira acadêmica que me acompanharam no decorrer dessa jornada, em especial à Jéssica Moura, que tive a honra de compartilhar muitos momentos, sendo uma amizade que ultrapassou as barreiras da universidade para a vida.

RESUMO

O presente estudo busca promover uma análise acerca das memórias encontradas no conto "Aquele ano em Rishikesh", de Adriana Lisboa, autora contemporânea brasileira. Inicialmente há uma contextualização do momento de início do período Pós-moderno, do contexto em que surgiu e de autores foram reconhecidos. A seguir, uma abordagem sobre as narrativas de conto e posteriormente uma descrição da vida e obra de Adriana Lisboa. Por fim, uma análise de seu conto, com o olhar voltado para a questão das memórias e sua influência direta na vida dos personagens. A pesquisa tem como aporte teórico os textos de: Bakhtin (1988), Candau (2012), Cândido (1968), Cortázar, Dal Farra (1978), Júnior, Píglia, Todorov (1976), Perrone Moisés (1990, 2016), Fernandes (2009), Zolim (2009), entre outros que colaboram na compreensão no que diz respeito ao conto em seu contexto e a memória enquanto categoria que delinea os personagens ficcionalizados por Lisboa.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Personagem. Identidade e Memória.

ABSTRACT

This paper aims to promote an analysis of the memories found in the short story "Aquele ano em Rishikesh" by Adriana Lisboa, a contemporary Brazilian author. Initially there is a contextualization of the beginning of the postmodern period, of the context where it starts and its acknowledged authors. Following it, there is an approach on short story narratives and thereafter a description of Adriana Lisboa's life and work. Finally, there is an analysis of her short story, focusing on the memories and its direct influence on characters' lives. This research was realized based on bibliographical analysis and theoretical basis, such as the works of Bakhtin (1988), Candau (2012), Cândido (1968), Cortázar, Dal Farra (1978), Júnior, Píglia, Todorov (1976), Perrone Moisés (1990, 2016), Fernandes (2009), Zolim (2009), among others, who contributed to the comprehension with regard to the short story in its context and to the memories as category which outlines the fictional characters by Lisboa.

Keywords: Contemporary Brazilian culture. Character. Identity and memory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A PROSA NA LITERATURA BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTO	12
2.1 ADRIANA LISBOA: “UMA AUTORA PARA O PRESENTE E PARA O FUTURO”	20
3 MEMÓRIAS CALIGRAFADAS EM “AQUELE ANO EM RISHIKESH”, DE ADRIANA LISBOA	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35
ANEXO	37

1 INTRODUÇÃO

As narrativas curtas ficcionais têm um maior enaltecimento no período pós-moderno, a exemplo do conto, sendo este um tempo de constantes mudanças no plano político e social brasileiro. Então, o conto tem como uma das principais características a descrição da sociedade vigente e dos relatos cotidianos do povo.

Nesse período há o maior reconhecimento e estudo de autores da época vigente, algo de extrema relevância, pois até então somente os autores canônicos eram lidos e estudados, promovendo assim, uma extensão maior no que diz respeito à literatura e as possibilidades de conhecimento e arte.

Nessa perspectiva, o estudo de novos autores concebe aos leitores o conhecimento de novas culturas e abordagens e dá força para que cada vez mais aumente a quantidade de autores na contemporânea. É também o período em que a autoria feminina ganha força e espaço, sendo um marco positivo para a história e literatura no Brasil, representado inicialmente por Clarice Lispector e posteriormente por autoras como Raquel de Queiroz e Cecília Meireles, dentre outras, até os dias atuais.

É pertinente, no contexto atual, ressaltar a obra de Adriana Lisboa, romancista e contista carioca, autora de diversos livros voltados para o público adulto e juvenil. Aborda, dentre outros temas, questões cotidianas, que tocam do simples ao complexo, discorrendo por exemplo, sobre eventualidades que se revelam extremamente comuns como a relação de parentes, até fatos não revelados e de memórias antigas que podem existir dentro deste contexto familiar, tornando esse tipo de narrativa algo sempre instigante ao leitor. Sua obra trata, ainda, de questões sutis e precisas, sobre crimes, paixões não declaradas, desencantos e memórias.

Sendo, pois, de suma importância o estudo de obras contemporâneas como a de Lisboa, e das respectivas temáticas abordadas nos textos desse período, a fim de disseminar o conhecimento e a multiplicidade encontrados nessas produções, que atuam como forma de enriquecimento de nossa cultura literária e acompanham as tendências de nossa época e contexto atual.

Em um de seus livros intitulado *O sucesso*, Adriana Lisboa reúne uma coletânea de nove contos, publicados em 2016, pela editora Alfaguara. Dentre eles um conto com título "Aquele ano em Rishikesh", que aborda relação entre os

personagens avó e neto, e que tem a temática de memória como eixo principal de sua construção, tornando-se também nosso principal objetivo de análise.

Esta pesquisa se deu a partir de uma análise teórica e bibliográfica, no que diz respeito à autora, sua inserção no contexto literário e, em especial, "Aquele ano em Rishikesh", que foi escolhido para análise.

De início, no conto escolhido, a memória é despertada a partir de uma canção do grupo musical britânico *Os Beatles*, que provoca tanto na avó quanto no neto lembranças positivas. A música permeia toda a narrativa, materializando o conteúdo do conto, fato a fato, que são postos pela memória dos personagens principais, colocados em questão com relação ao conceito de verossimilhança.

A memória é parte integrante de todo indivíduo ou grupo social, sendo produzida a partir de situações vivenciadas e construídas no inconsciente de cada um de maneira involuntária. Percebe-se então que sua construção se dá de maneira individual e que se diferencia de pessoa para pessoa, a considerar o contexto social e as situações a que a pessoa é submetida.

No conto, há uma ponte entre o real e o fictício, sendo esse um traço da escrita da autora, de forma a envolver o leitor e tornar a narrativa algo singular e fascinante. Ao fim da narrativa, há uma reflexão implícita acerca do quanto a memória é importante para o indivíduo, o quanto o constrói e o quanto é capaz de unir as pessoas.

Traçadas as informações contextuais e metodológicas, suscita-se na organização do texto, as considerações iniciais, apontamentos teóricos acerca da literatura contemporânea brasileira, que se insere na delimitação de pós-moderno. A presença de Adriana Lisboa se manifesta, textualmente, pela memória na narrativa ficcional aqui em análise, que conduz às considerações finais.

2 A PROSA NA LITERATURA BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTO

Em se tratando de prosa na literatura brasileira em sua maior evidência, especialmente no contexto da contemporaneidade, é válido ressaltar que a mesma nasce em um período transitório entre a modernidade e pós-modernidade, marcado por vários acontecimentos no cenário político e social.

Pode-se destacar alguns acontecimentos, tais como no ano de 1956, em que Juscelino Kubitschek assume a presidência do Brasil, nesse período há a inauguração de Brasília. Também a renúncia à presidência de Jânio Quadros no ano de 1961 e, principalmente, o golpe militar de 1964, que afasta João Goulart do poder, tendo ele assumido a presidência no lugar de Jânio Quadros.

Nessa época, o Brasil sofreu o Golpe Militar, instaurando-se um período de censura e temor na população. Isto se refletiu diretamente nas representações artísticas, como sendo uma forma de reproduzir através da arte um retrato da sociedade vigente, afirmando sua cultura e sua pluralidade que são representadas por múltiplas vozes e suportes.

Essa multiplicidade é a característica principal da literatura contemporânea, visto que ela tem em sua composição traços das estéticas literárias anteriores, porém de maneira mais elaborada a comparar-se ao período da modernidade. Dessa maneira se cria, recria e dissemina, sendo esse um traço inovador e significativamente identitário.

Partindo desse pensamento, a partir do período pós Semana de Arte Moderna, mais precisamente no fim dos anos 50 houve o surgimento e divulgação de uma nova literatura e diversos autores, a exemplo Clarice Lispector, Cecília Meireles, Raquel de Queiróz, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto, dentre outros, que inovaram constantemente nas produções literárias, expondo uma abordagem de temas diversos que valorizavam situações e contextos cotidianos e também fugacidade do tempo e suas nuances, sendo assim, um modelo de literatura mais próximo da realidade social e de seus acontecimentos.

Não somente no contexto literário, mas vale ressaltar que também num contexto cultural e social, a arte acompanha as tendências e momentos vivenciados pela sociedade, quer seja em um cenário de paz ou de guerras, retratando o movimento e a realidade a qual é determinada. Perrone-Moisés (2016, p. 28) elucida

que: "A arte encontra seus "novos fenômenos" na vida social. Em função de mudanças e costumes ou de técnicas, pode ocorrer uma "literalização" da vida social". Considerando assim a heterogeneidade do fato literário, suas constantes mudanças e evolução que acompanham a sociedade, promovendo uma renovação constante e o olhar voltado para as mais diversas questões.

É necessário também elucidar que a literatura, nos últimos anos, passou por mudanças constantes no contexto industrial e tecnológico. Paralelo a isso, há também, nesse mesmo período crises no plano social e político. Nesse sentido, há a valorização e reconhecimento de muitos escritores e suas respectivas produções literárias, com abordagens múltiplas e diferenciadas umas das outras, rompendo os valores tradicionais, que buscam a experimentação e inovam nas formas de escrita.

Nesse período, após os anos 70, há uma maior representação e enaltecimento das narrativas como o conto, por terem como característica a maneira de expor os acontecimentos e situações ocorridos, de modo a tornar fatos simples em grandiosos, exercendo uma complexidade em suas descrições que os tornam únicos e cheios de significado, fatos que poderiam passar despercebidos tornam-se fatos interessantes e extremamente relevantes, devido à maneira pela qual são apresentados e explicados nas narrativas.

A temporalidade nos contos contemporâneos também acontece de maneira diferente, tendo-se que não há obrigatoriedade de seguir-se cronologicamente a sucessão de acontecimentos, havendo narrativas que se constroem a partir de acontecimentos passados ou futuros, podendo ser também um relato imagético ou mesmo uma descrição do presente. Há também a possibilidade de no mesmo conto serem retratados períodos diferentes, partindo de um momento para outro historicamente, de maneira psicológica ou temporal cronológica.

Essas características dos contos contemporâneos, de certo modo, atendem as demandas do momento moderno, ágil e tecnológico, acompanhado dessa forma a tendência da época e conseqüentemente dos leitores, adequando-se ao contexto e vivência das pessoas, bem como a sua maneira de agir e pensar as situações.

Abordavam, dentre outros temas, a sociedade e suas vivências atuais, de uma maneira que de certa forma era diferenciada, pois a narrativa era construída a partir de concepções da modernidade, de relatos vivenciados no cotidiano, sem que fosse necessário obedecer ao critério de tempo cronológico, não havendo então a necessidade de uma ordem definida para os acontecimentos.

Os temas também eram, em sua grande maioria, voltados para a realidade do povo, não necessitando ser algo muito especial ou fantasioso, visto que o que constrói uma boa narrativa, nesse período é a complexidade e descrição de acontecimentos e de situações específicas e isoladas, sendo juntamente atrelado as concepções do leitor e em sua sensibilidade ao receber o texto de forma a interpretá-lo.

Dessa maneira, a compreensão do sentido pode ser diferente de pessoa para pessoa, visto que todos têm, em sua memória capacidades diversificadas de compreensão, que se dão pelo seu "conhecimento de mundo" e suas aprendizagens múltiplas e individuais, que são construídas gradativamente.

Como ressalta Cortázar:

Parece-me que o tema do qual sairá um bom conto é sempre excepcional, mas não quero dizer com isso que um tema deva ser extraordinário, fora do comum, misterioso ou insólito. Muito pelo contrário, pode-se tratar de uma história perfeitamente trivial e cotidiana. O excepcional reside numa qualidade parecida à do imã; um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe flutuam virtualmente na memória ou na sensibilidade, um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência. (CORTÁZAR, 2006, p.154).

Ao que cita o autor, os contos não precisam necessariamente ser algo fantástico ou requintado, basta que, a partir das situações apresentadas, construa-se e a partir disso teçam-se as problemáticas e abordagens, que despertarão no leitor as compreensões a que lhe cabe.

Dessa maneira, percebe-se que é sempre possível ver o texto com outros olhos, observando-se de um ângulo diferente e, assim, produzindo-se novas interpretações, fazendo com que o leitor assuma sempre a posição de descobridor, para que de certo modo, sempre obtenha a sensação de surpresa com o desfecho produzido a partir das narrativas, pois como Piglia (2004, p.90) afirma: "Um relato invisível esconde um relato secreto, narrado de um modo explícito e fragmentário. O efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície".

Existe um distanciamento entre as questões subjetivas geradas no decorrer da leitura da narrativa que são produzidas pelo leitor e os objetivos aos quais o

escritor deseja alcançar com a narrativa, visto que o narrador oculta o que o referencia no texto.

Dessa maneira, a subjetividade exerce o trabalho inverso, fazendo com que o leitor crie, de maneira implícita, um “eu”, que é o que se coloca no lugar dos personagens das narrativas, facilitando a recepção do autor a leitura, e o seu desenvolvimento de entendimento do texto literário.

De qualquer modo, a oposição se dá entre a subjetividade do discurso e a objetividade da narrativa, já que esta se define pela ausência e toda a referência ao narrador, enquanto que a subjetividade do discurso decorre da referência a um “eu” que é o da pessoa que mantém a emissão”. (DAL FARRA, 1978, p.46).

De certa forma, o discurso apresentado pelo autor encaixa-se à realidade do leitor, tornando possível o clareamento das ideias, o afloramento de uma certa aprendizagem que é absorvida com a leitura, visto que:

O discurso do autor representa e enquadra o discurso de outrem, cria uma perspectiva para ele, distribui suas sombras e suas luzes, cria uma situação e todas as suas condições para a sua ressonância, enfim, penetra nele de dentro, introduz nele seus assentos e suas expressões, cria para ele um fundo de dialógico. (BAKHTIN, 1988, p.156).

Ao que se compreende, o discurso apresentado pelo escritor, possibilita ao leitor o esclarecimento de questões, dá a ele o suporte necessário para criar suas próprias percepções, torna-o crítico, capaz de argumentar e adquirir suas próprias opiniões acerca de questões de ordem social e pessoal que são apresentadas no conto, visto que o sentido pode ser construído de maneira diferente a partir das vivências e concepções individuais de cada indivíduo em seu contexto social.

A questão da subjetividade e também do pensamento crítico são fortemente apresentadas, visto que essas narrativas contemporâneas têm como característica o despertar do leitor para o pensamento a respeito de questões de ordem pessoal, social e emocional.

Sobre a construção dos contos contemporâneos Magalhães Júnior aponta que:

Os mais recentes exemplos de contos preocupam-se quase exclusivamente com a peripécia (um súbito despertar de um personagem, que adquire um novo conhecimento de si mesmo ou de seu mundo é um dos temas capitais das histórias curtas modernas). A descoberta, ou revelação mostrando as

variações da ignorância ou conhecimento, a consciência de que a peripécia ocorreu, é também indispensável. Algumas vezes o personagem faz por si só essa descoberta. Outras vezes, é o leitor que a faz, como uma espécie de representante de personagem. A resolução, ou desfecho, pode ser implícita, sugerida ou mesmo ignorada, resultando de todas as repercussões da peripécia. Dependendo da magnitude desta, a resolução pode ter um amplo escopo e complexidade. Mas, muitas vezes, é deixada simplesmente à inteligência do leitor. (JÚNIOR,1972, p.16).

Segundo afirma o autor, há nas produções narrativas atuais, a necessidade de transmitir uma certa reflexão, um despertar para um determinado acontecimento ou conhecimento, isso pode estar escrito no próprio conto explicitamente ou mesmo pode ser abordado implicitamente, fazendo com que o leitor, à sua maneira, produza suas próprias conclusões.

A palavra ideológica do outro, interiormente persuasiva e reconhecida por nós, nos revela possibilidades bastante diferentes. Esta palavra é determinante para o processo de transformação ideológica da consciência individual. (BAKHTIN, 1988, p.145).

Essas conclusões a que o leitor chega muitas vezes distanciam-se do que realmente o autor escreveu intencionalmente, plurissignificando, dessa forma, a produção literária do autor torna possível a construção de percepções individuais em quem lê, o que se caracteriza como a visão literária, que é construída individualmente por cada sujeito a partir de suas impressões, vivências e percepções de mundo.

Algumas histórias eram implícitas, e mostravam, dentre outras coisas, representações imagéticas e *flashes* de lembranças pessoais ou coletivas dos personagens que eram envolvidos nas histórias, sendo então, textos que se tornaram populares, por sua facilidade de acesso e compreensão, e também a possibilidade maior de semelhança e identificação com a realidade de quem o lê.

É importante notar que as visões literárias não concernem à percepção real do leitor, que permanece sempre variável e depende de fatores externos à obra, mas a uma percepção inerente à obra, atribuída a um destinatário virtual, apresentada no interior dessa obra, se bem que de uma maneira diferente de seus outros elementos. (TODOROV, 1976, p.41).

Como afirma Todorov, as visões literárias são obtidas individualmente pelos indivíduos, sendo construídas a partir de suas vivências e concepções de mundo, ou seu nível de intelectualidade, por exemplo.

Desse modo, entende-se que nem sempre a obra tem um sentido de compreensão unitário, visto que a mesma leitura pode despertar os indivíduos para diferentes entendimentos acerca do sentido da obra, e até mesmo o indivíduo ao ler a obra pode despertar para diferentes saberes contidos dentro da mesma narrativa.

Como define Magalhães Júnior (1972, p.11): “Pelo nome conto, ficam então conhecidos os breves relatos de episódios imaginatórios geralmente transmitidos ao leitor como fatos acontecidos”. Pode-se absorver, portanto, que o conto é um relato de fatos imaginários que se assemelham a realidade, provocando no leitor, em determinados momentos a impressão de que se tratam de narrativas reais, devido a semelhança com a vida cotidiana e seus acontecimentos.

A questão de “verdade” é posta nos contos, mesmo que se tratando de fatos que o leitor compreende que são imaginários. A questão de veracidade é designada pelo escritor na narrativa, e o autor descreve-a de maneira a torná-la coerente e compreensível ao leitor, que de certa forma, em sua leitura busca aliar fatos do imaginário e da realidade, tornando verossímil.

O termo “verdade”, quando usado com referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com frequência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade (termos que em geral visam à atitude subjetiva do autor); ou a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda — de ordem filosófica, psicológica ou sociológica — da realidade. (CANDIDO, 1968, p.11).

Sendo nesse tipo de narrativa em que há maior relevância e é dada maior importância aos acontecimentos simples e os fatos isolados, também são elucidados a minúcia contida em fatos simples e um maior detalhamento no desdobramento das ações, sendo assim, uma construção em que se dá maior relevância aos fatos acontecidos do que a descrição dos ambientes e localizações.

É importante também elucidar o maior reconhecimento das leituras de autoria feminina no período pós-moderno principalmente após os anos 70, visto que com a consolidação desse período as mulheres adquirem maior visibilidade e espaço na mídia, tendo reconhecimento de suas produções literárias, sendo esse um fato de extrema importância no período pós-moderno, tendo em vista que a tradição feminina literariamente era praticamente invisível até então.

Trata-se de escritoras que tendo em vista à mudança de mentalidade descortinada pelo feminismo em relação a condição social da mulher, lançam-se no mundo da ficção até então genuinamente masculino, engendrando narrativas povoadas de personagens femininas conscientes do estado de dependência e submissão a que a ideologia patriarcal relegou a mulher. (ZOLIN, 2009, p. 329).

A produção literária feminina, devido a ideologias patriarcais, tida como sendo sempre inferior a escrita masculina, por isso foi ignorada e desprezada por praticamente toda a história.

No Brasil, a autora Clarice Lispector teve um papel fundamental no processo do reconhecimento da literatura de autoria feminina, sendo influência de diversos autores, posteriormente. Sua maneira de descrever as situações, o tempo psicológico utilizado por ela, o intimismo nas produções, a questão do inconsciente e análise do mundo, e do período histórico, sempre abordando a personagem feminina e conflitos ou situações de seu cotidiano.

A obra de Clarice Lispector significa, na trajetória da literatura de autoria feminina no Brasil, um momento de ruptura com a reduplicação dos valores patriarcais que caracteriza a fase feminina. Pode-se dizer que ela inaugura outra forma de narrar dentro de um espaço tradicionalmente fechado a mulher. Trata-se do marco inicial da fase feminista. (FERNANDES, 2009, p.332).

As publicações de Clarice Lispector e de autoras como Raquel de Queiroz, Lígia Fagundes Teles, Adélia Prado, Lya Luft, Cecília Meireles, dentre outras autoras, passaram a ter um reconhecimento nacional, possibilitando que além dessas citadas, inúmeras vozes femininas pudessem ser ouvidas por todos e que mulheres ingressassem no espaço das produções literárias de ficção, que eram até então publicadas e reconhecidas somente por homens.

O pós-modernismo possibilitou o reconhecimento de novos escritores, a leitura e estudo de produções literárias não somente de textos canônicos, mas de escritores populares e com menor reconhecimento, possibilitando o estudo de textos novos, o que foi extremamente positivo, que refletiu até os dias atuais, pois como afirma Fernandes:

Verifica-se, na atualidade, uma maior consciência em relação a outras culturas, a busca do entendimento do diferente, e que novas alternativas de produção de bens devem ser utilizadas para a não-extinção dos recursos naturais existentes (FERNANDES, 2009, p.314)

Isso não diz respeito ao abandono dos textos canônicos, muito pelo contrário, pois a literatura é, de certa forma, uma construção a partir de outra, uma transformação. Isto implica dizer que nenhuma literatura é superior a outra, e que cada obra tem outra como suporte ou mesmo como inspiração.

A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea (PERRONE-MOISÉS, 1990 p.94).

A possibilidade do conhecimento e estudo do novo, enriquece a literatura de um modo geral, valorizando sua multiplicidade e promovendo o reconhecimento de valores, abordando percepções e culturas diferentes, tornando o conhecimento descentralizado e possível a todos.

Esses pensadores do século XXI, que também são escritores de ficção, acreditam numa prática que tem mantido algumas de suas qualidades tradicionais e que é comumente chamada de "alta literatura", mas que eu chamaria simplesmente de literatura. Essa prática, que felizmente ainda é a de vários escritores contemporâneos, se caracteriza por alguns valores básicos: o exercício da linguagem de modo livre e consciente, a criação de um mundo paralelo como desvendamento e crítica da realidade; a expressão de pensamentos e sentimentos que não são apenas individuais, mas reconhecíveis por outros homens como correspondentes mais exatos aos seus; a capacidade de formular perguntas relevantes, sem a pretensão de possuir respostas definitivas (PERRONE MOISÉS, 2016, p.35).

Os escritores contemporâneos, tem como traço identitário, mais liberdade em suas produções, não se estabelecendo padrões igualitários na composição de todas as produções, mas de forma intencional e consciente, retratando com maior relevância as questões de ordem social, sendo sempre, de certa forma, uma crítica, implícita ou não, a questões nesse âmbito.

Sendo também um meio de expressão de sentimentos, e um instrumento de produzir no leitor reflexões de ordem emocional, ou a respeito da sociedade ao qual está inserido, e isso pode ocorrer de forma implícita ou explícita, tornando o leitor cada vez mais crítico e capaz de argumentar a respeito de diversas questões que são postas nas narrativas, e que de certa forma, o representam.

Em linhas gerais, na década de 1970, em que há o surgimento dessa contemporaneidade nas narrativas, alguns autores mereceram destaque por suas publicações, dentre eles: Lygia Fagundes Telles, Vinicius de Moraes, Raquel de

Queiroz, Ruben Fonseca, Marina Colasanti, Luís Vilela, Hilda Hilst, Ariano Suassuna, Cora Carolina, Ferreira Gullar, Caio Fernando Abreu, Paulo Leminski, Rubem Braga, dentre outros. Desses pois, destaco Adriana Lisboa.

2.1 ADRIANA LISBOA: "UMA AUTORA PARA O PRESENTE E PARA O FUTURO"

Adriana Lisboa Fábregas Gurevitz é uma romancista e contista, nascida no Rio de Janeiro no ano de 1970, tendo passado sua infância na região em que nasceu. Na idade adulta residiu na França, em Paris e Avignon, atualmente no Colorado, região situada nos Estados Unidos.

Adriana foi tradutora, cantora de MPB na França e professora de música, porém preferiu seguir com a carreira de escritora de contos e romances, além de poetisa. Tem como formação Acadêmica Mestrado em Literatura Brasileira e Doutorado em Literatura Comparada, ambos pela UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sendo também pesquisadora visitante no Nichibunken (International Research Center for Japanese Studies), em Kyoto (2006), na Universidade do Novo México (2007) e na Universidade do Texas em Austin (2008-2009).

Quanto às suas produções literárias, escreveu seis romances: *Os fios da memória* (1999), *Hanói* (2013), *Azul Corvo* (2014), *Sinfonia em branco* (2014), *Rakushisha* (2015) e *Um beijo de Colombina* (2015). Dois livros de poesia: *Parte da paisagem* (2014) e *Pequena música* (2018). Duas coletâneas de contos: *O Sucesso* (2016) e *Caligrafias* (2004). Além disso Adriana publicou também cinco livros voltados para o público infante juvenil.

Sobre sua produção é importante destacar também a sua participação em diversas coletâneas de contos e antologias literárias, que enriquecem a carreira da autora, reafirmando a importância e relevância de suas produções e tornando a obra da autora mais reconhecida por diversos leitores, de diversas culturas e locais.

É importante mencionar também sua participação em coletâneas, as quais acentuam-se como importantes na carreira da autora, trazendo maior relevância e visibilidade a sua obra. Bem como destaca o blog da autora¹, podemos citar como principais títulos em coletâneas: *Sonofabook 2*, Spring 2016 (CB Editions,

¹ Disponível em: <https://www.adrianalisboa.com/> (blog da autora). Acesso em 22 de outubro de 2018.

Inglaterra), Rio Noir (Akashic Books, EUA), Rio Noir (Casa da Palavra, Brasil), MPT - Modern Poetry in Translation - Twisted Angels, Microcontos - Minigeschichten aus Brasilien (dtv, Alemanha), Entre as quatro linhas (dsop, Brasil) - traduzido na França, Alemanha e Finlândia, Granta vol. 10 (Alfaguara, Brasil), Brasilien Berätter: Ljud av Steg (Bokförlaget Tranan, Suécia), Brazil: a Traveler's Literary Companion (Whereabouts Press, USA), Dicionário amoroso da língua portuguesa (Casa da Palavra, Brasil), Lusofônica - la nuova narrativa in lingua portoghese (La Nuova Frontiera, Itália), Rio literário (Casa da Palavra, Brasil), Aquela canção (PubliFolha, Brasil), 25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira (Record, Brasil).

Adriana Lisboa, em sua carreira de escritora, recebeu diversas premiações, dentre elas, o Prêmio Literário José Saramago no ano de 2003, pelo seu livro Sinfonia em branco, que foi um marco em sua vida e carreira, primeiramente pela relevância do prêmio, que celebra a atribuição ao prêmio Nobel da literatura, há também a inestimável admiração da autora pelo autor José Saramago, que sobre a autora afirmou: "Adriana Lisboa é uma autora para o presente e para o futuro".

Além desse, também podemos destacar: o Prêmio Moinho Santista, pelo conjunto de sua obra e o prêmio de Autor Revelação da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) por Língua de trapos, além de uma bolsa da Fundação Japão para Rakushisha e uma bolsa da Fundação Biblioteca Nacional para Um beijo de colombina.

A obra de Adriana foi traduzida em mais de quinze países, e é uma referência no que se diz respeito a contemporaneidade e modernidade em produções literárias, visto que opta pela retratação da realidade, através de vivências dos personagens criados, sempre abordando exemplos do cotidiano refletidos nas descrições dos ambientes ou das pessoas, ou nas referências de pessoas reais que participam indiretamente das histórias, correlacionando-se com os personagens criados pela autora, tornando a escrita de Adriana algo singular e excêntrico, que é próximo do contexto e da época em que vive o leitor.

Das publicações de contos de Adriana, houve no ano de 2006, pela editora Alfaguara, a coletânea intitulada *O sucesso*, em que a autora explora em seus nove contos contidos na obra histórias envolvendo crimes, paixões indemonstradas, desilusão, e dentre estes temas a questão das memórias. Tudo isto de maneira objetiva e prática, porém que despertam no leitor o olhar reflexivo e questionador a respeito de diversos fatos no âmbito social e emocional.

Em entrevista ao *Jornal Rascunho*, Adriana Lisboa discorre acerca de sua visão sobre a vida e sua produção literária. Afirma:

Lembro de um pequeno trecho de Fernando Pessoa que sempre gosto de citar: ele diz que toda arte é a confissão de que a vida não basta. Acho que a literatura, enquanto expressão artística, não deixa de ser isso, uma espécie de busca por algo mais, esse reconhecimento de que nossa vida cotidiana não é suficiente. E não é mesmo. A gente precisa transitar, residir um pouco em lugares que são da ordem da imaginação, da fantasia, da poesia. E a literatura entra em nossa vida cotidiana — tanto na vida de quem a faz como na vida de quem a lê — dessa maneira. É a busca por uma espécie de espaço alternativo à vida, algo que nos ofereça outras visões, outras janelas, opções distintas daquilo que a gente experimenta em nossa vida prática. É uma espécie de folga da vida, mas não é uma folga fácil. A boa literatura faz a gente pensar muito, e nem sempre isso é uma coisa tranquila e prazerosa, no sentido “férias”. Nem sempre é um relaxamento. Muitas vezes é algo que nos mobiliza. (*JORNAL RASCUNHO*, Ed. 127).

Adriana Lisboa fala de sua busca incessante por novas realidades, novas vivências, da necessidade de transitar entre o real e o imaginário, o poético. A autora vê a literatura como sendo a possibilidade de observar a realidade de maneiras diferentes, trazendo inquietação, mobilizando sempre o leitor, e são esses traços detectados na escrita da autora.

Em seu conto “Aquele ano em Rishikesh”, a autora faz menção às memórias, que são explanadas em um contexto de cotidiano de uma relação entre avó e neto. Memórias estas que são despertadas inicialmente pela música e que se desdobram por uma série de outros fatores, e que perduram do início ao fim da narrativa do conto.

Nesse conto a autora faz descrições de fatos reais atrelados a questões que no decorrer da narrativa configuram-se como imaginárias. Percebe-se que a autora consegue tem a habilidade de descrever fielmente a realidade e o imaginário refletido na questão da memória, de modo a fazer com que ambas se tornem homogêneas em grande parte do período em sua narrativa, a exemplo das inquietações que se seguem, analiticamente. Pois: “As objetualidades puramente intencionais projetadas por intermédio de orações têm certa tendência a se constituírem como “realidade”. (CANDIDO, 1985, p.8).

3 MEMÓRIAS CALIGRAFADAS EM “AQUELE ANO EM RISHIKESH”, DE ADRIANA LISBOA

*“I look at the world
And I notice it's turning
While my guitar gently weeps
[...] As I'm sitting here
doing nothing but aging
Still my guitar gently weeps”.*²
(George Harrison, The Beatles)

As memórias são responsáveis por significativa parte da construção humana, somos, pois, o que vimos, os lugares em que fomos, os livros que lemos, as músicas que ouvimos, as lembranças que construímos por meio de nossas vivências e que nos são pertencentes, quer sejam positivas ou negativas, ao que concerne a nossa formação indentitária.

Candau (2012, p.17), define memória como sendo: uma “força de identidade”. Ao que concerne as memórias, compreende-se que são inerentes ao ser humano e que o constituem, sendo construídas a partir das vivências humanas de forma individual ou coletiva, compondo a identidade de um indivíduo ou grupo, sendo criadas e editadas no inconsciente e havendo sempre a possibilidade de revivê-las ou recordá-las por meio das lembranças.

Em seu conto “Aquele ano em Rishikesh”, Adriana Lisboa apresenta em sua abordagem como uma das temáticas principais de composição desse conto a questão da memória que é apresentada por toda a extensão do texto, especialmente pelos personagens *avó* e *neto*, que não são nomeados na narrativa, são identificados apenas pelo grau de parentesco que possuem entre si.

As memórias são descritas em constantes ecos produzidos pelas lembranças ou pelos objetos que se fazem presentes em todos os momentos narrados. Além desses, há, implicitamente, uma reflexão que é provocada pela memória subjetiva, que se configura no sujeito ficcional, ou seja, os personagens da narrativa.

² Trecho da música: “While My Guitar Gently Weeps”, composta por George Horrisson, integrante da banda. Desse fragmento, a tradução para o português é: “Eu olho o mundo / E eu noto que ele está girando / Enquanto minha guitarra suavemente chora [...] Como eu estou sentando / fazendo nada além de envelhecer / Ainda minha guitarra suavemente chora.

O conto é apresentado em primeira pessoa do singular, com um narrador-personagem, representado pela figura do neto, (a narrativa encontra-se em anexo neste trabalho). A história tem o tempo como sendo psicológico inicialmente, visto que se inicia com uma lembrança de um fato narrado anteriormente pelo personagem neto, logo após o tempo pode ser estabelecido como sendo cronológico, pela maneira com que sucedem os fatos ocorrentes na narrativa. O espaço em que ocorre a trama é basicamente a casa onde moram os personagens apresentados como neto, avó e mãe.

A autora faz, em sua narrativa, referência a personalidades reais existentes, que se correlacionam com seus personagens fictícios, dando a sua produção uma característica ímpar, ressaltando a multiplicidade de vozes que perpassam o texto.

Ressaltando a ideia da multiplicidade de vozes no texto literário, Bakhtin (1988, p.134) aponta que: “O discurso romanescos; ele não pode esquecer ou ignorar de maneira ingênua ou convencional as línguas múltiplas que o circundam”. Sendo esta uma característica não somente do discurso romanescos, mas também da prosa, em um contexto mais amplo.

Ao trazer para o seu texto referências de certa forma contemporâneas e existentes na vida real, a autora consegue fazer uma ponte entre a realidade e a ficção, promovendo ao leitor maior interação e familiaridade com o texto, de maneira a fazê-lo sentir, em alguns momentos que a história se configura como verdadeira.

Já no início o personagem neto, inicia citando uma canção dos Beatles, “While My Guitar Gently Weeps”, e a partir disso, tece uma abordagem acerca do conjunto britânico formado por quatro integrantes: *John Lennon, Paul McCartney, Ringo Starr e George Harrison*. Sendo *George* o cantor que o personagem neto dá uma ênfase maior, devido a sua identificação pessoal com este integrante da banda.

Posteriormente há, então, uma reflexão do personagem neto acerca do cantor *George*, e uma certa afinidade e admiração do mesmo com relação a personalidade, quando fala de seu comportamento tranquilo e quieto, que se assemelha ao dele.

“Dos quatro, *George* foi sempre o meu Beatle. [...] Eu o admirava também por ele ser um Beatle quieto, com aquele jeito caladão de quem recuou alguns passos, virou uma espécie de espectador, enquanto as outras pessoas coaxam e pulam por aí feito sapos hiperativos”. (LISBOA, 2016, p. 31)

A seguir, o personagem fala da doença e conseqüente morte precoce de George e do quanto o câncer é algo injusto e devastador na vida das pessoas que passam por essa situação.

É nesse contexto em que a personagem avó se apresenta, quando o *neto* faz ligação entre ela e o George, se referindo à doença, pois ambos a possuem. Em seu conto Adriana Lisboa (2016, p.33), escreve em forma de narrativa do personagem neto: "Eu olhava para a minha avó e pensava em George e em por que as pessoas são obrigadas a continuar vivendo quando visivelmente já não há mais graça nenhuma nisso", se referindo ao sofrimento, a dor e tristeza de quem possui um câncer, sendo descritas pelo neto.

Ao falar de George Harrison, o narrador aborda também a questão da sua doença em seu estado mais avançado. Menciona a questão do quanto George não conseguiu ter o repouso necessário em sua doença, e do quanto aquilo parecia ser ruim, pois, para as pessoas, mais interessava a fama do que verdadeiramente a saúde de George Harrison.

O médico levou a família (dele, médico) para visita-lo e todos começaram a cantar e fazer uma barulhada e George, mal conseguindo respirar direito, pediu por favor para pararem de falar. E que o médico fez George autografar uma guitarra para o filho. E George disse nem sei se ainda sei assinar meu nome, e o médico soletrou. Vamos lá, você consegue. G E O R". (LISBOA, 2016, p. 32).

O personagem neto faz esses relatos e sempre há uma menção a sua avó, pois ela também já se encontrava em um estágio avançado da doença, que já tinha lhe corrompido algumas memórias, que a avó tinha dificuldade em ordenar os acontecimentos vividos de modo a produzir sentido, provocando na avó dificuldade em organizar e explicar o que pensava de maneira a produzir um sentido lógico e coerente.

A avó confundia, muitas vezes, passado e presente com outros fatos que não eram possíveis identificar ao certo se eram verídicos ou não. Suas emoções e sentimentos também eram confusos e isto, na narrativa, o neto justifica como sendo efeito da doença sobre ela:

Às vezes, começava a explicar e parava no meio, mas não de repente, a voz ia ficando cada vez mais distante como um trem que você vê se afastando até sumir numa curva, ou então ela chorava, um choro baixinho, que você quase só identificava pelo brilho que as bochechas magras dela adquiriam com as lágrimas, e eu ficava sem saber o que fazer. Mas logo em seguida ela esquecia que estava com o rosto todo molhado, segurava

minha mão, me pedia para sentar ao seu lado e me dizia puxa como você cresceu, Arthur. O amor que eu sentia por ela era uma fisgada, era uma torção dentro do peito, e eu colocava a outra mão por cima das nossas mãos e dizia vó, o meu nome não é Arthur (LISBOA, 2016, p.34).

Segundo relata o neto, a avó aparentava muitas vezes não saber onde estava, ou com quem estava de fato, tanto que às vezes esquecia o nome do próprio neto, tinha medo de ficar sozinha e tinha a sensação de estar sendo vigiada por algo ou alguém, falava de pessoas desconhecidas ao neto, sendo, para ele, pessoas que só existiam na mente da avó. Cita também que a essa altura da vida as memórias da avó configuravam-se irrelevantes, no sentido de não haver coerência no que era dito por ela.

Subentende-se que a doença da avó esteja relacionada a algum grau de Alzheimer ou de qualquer outra doença degenerativa ocasionada por sua idade avançada e a questão do esquecimento gradativo dos fatos, isso é perceptível a partir das descrições da idade e da saúde de sua avó. Paralelo a isso, há a questão de a avó revelar memórias antigas e fatos de sua vida em um tempo passado e distante, sendo descritas de modo tão preciso por ela que nos fazem crer que estão intactas em sua mente.

O neto, em um dado momento do conto, cita que a avó o relatou ter tido um envolvimento com Tancredo Neves, que foi um político brasileiro. Esse fato é apresentado de maneira a produzir humor no conto, visto que, ao que se configura a história até então, seria impossível que fosse verdadeira essa afirmação dela, a levar-se em consideração o contexto no qual os personagens são inseridos, portanto é considerado uma digressão da avó.

Como a autora expõe no conto, na fala do neto: "Eu me lembrei de quando minha avó disse que tinha namorado Tancredo Neves. Muito pouco do que ela dizia, agora, dava para ser levado a sério" (LISBOA, 2016, p.36), sendo reforçada pelo neto, assim, a ideia de que as afirmações da avó eram completamente desconexas.

O neto relata que as memórias da avó eram instáveis e que algumas vezes elas se apresentavam em perfeita ordem, outras vezes não, sendo impossível acreditar ou desacreditar nela, segundo ele, sendo memórias inconstantes e incertas.

Então o neto decide, em um dia, tocar, em sua guitarra uma música dos Beatles, no quarto de sua avó. Toca "While My Guitar Gently Weeps" que é uma música que ele gostava, já que nutria uma admiração por esse grupo musical.

A música que o neto toca é a mesma música tocada por ele no início do conto, dando ao leitor, ao fim da leitura, a noção de que a música seria um ponto chave, algo a despertar tanto no neto quanto na avó memórias de fatos vivenciados e de pessoas especiais para eles.

Pode-se considerar que a música dos Beatles, à sua maneira, é um ponto em comum entre os dois, convergindo memórias despertadas por emoções. A respeito dessas questões, o teórico Jöel Candau, afirma que:

As falhas de memória, os esquecimentos e as lembranças, carregados de emoção são sempre vinculados a uma consciência que age no presente. Porque a memória organiza os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro (CANDAU, 2012, p.63).

Aplicando essa concepção do autor ao que ocorria no conto, pode-se observar que a música foi um determinante para despertar algumas memórias da avó por alguns acontecimentos em especial. Ao ouvir a música, percebe-se que a avó se sensibilizou, teve a música como um norteador em sua mente, sendo ela uma ponte que vai de encontro a lembranças que ela nunca havia relatado antes.

É importante observar o que quer dizer a letra da música, cuja tradução para o português é:

Enquanto minha guitarra suavemente chora

Eu olho vocês todos
Vejo o amor que aí dorme
Enquanto minha guitarra suavemente chora

Eu olho para o chão
E vejo que precisa ser limpo
Ainda minha guitarra suavemente chora

Eu não sei porque ninguém te disse
como desdobrar seu amor
Eu não sei como alguém te controlou
eles compraram e venderam você

Eu olho o mundo
E eu noto que ele está girando
Enquanto minha guitarra suavemente chora

Com todo erro

Nós certamente precisamos aprender
Ainda minha guitarra suavemente chora

Eu não sei como você foi divertido
você foi pervertida também
Eu não sei como você foi invertido
ninguém te alertou

Eu olho das asas
a peça que você está encenado
Enquanto minha guitarra suavemente chora

Como eu estou sentando
fazendo nada além de envelhecer
Ainda minha guitarra suavemente chora

Eu olho vocês todos
Vejo o amor que aí dorme
Enquanto minha guitarra suavemente chora
Eu olho vocês todos
Ainda minha guitarra suavemente chora

A música foi composta por George Harrison, no ano de 1968, percebe-se que é baseada no conceito da relatividade das coisas e ao conceito de que tudo é mera coincidência. Pode-se perceber nos versos da canção que há o relato de vida do eu lírico, abordando a questão do não poder mudar os fatos, do ter noção dos acontecimentos e de ações que precisam ser feitas, mas que, de certa forma, estão impossibilitadas de serem mudadas. A repetição de “enquanto minha guitarra suavemente chora”, remete à tristeza e reforça a ideia de continuidade de maneira melancólica com relação ao passar do tempo.

De certo modo, essa música tanto se assemelha ao contexto de vida do jovem quanto se assemelha ao contexto de vida do idoso, retratando a questão do eu lírico estar impossibilitado de fazer algo para deter o passar do tempo, por isso consegue, de certa maneira promover uma união entre duas gerações diferentes, devido a identificação encontrada.

Quando o neto começou a tocar, percebeu que a avó, que até então não estava com a atenção voltada para ele, parou e ficou observando-o. Nisso o neto lembra novamente de George Harrison, ao pensar que assim como o médico do cantor, poderia estar atrapalhando ou incomodando a avó. A avó não se mostra incomodada com aquela situação, muito pelo contrário, mostra-se feliz, tanto que acompanhava a melodia balançando a cabeça sorrindo.

Nesse momento acontece a sinestesia, a música promove na avó um emaranhado de lembranças que estavam adormecidas, e que nunca antes tinha

sido mencionada por ela, a música atuou na avó como um despertar no inconsciente de acontecimentos de seu passado.

Quando o neto termina de tocar há a surpresa. Ela diz que aquela música era a sua preferida e que conhece o George Harrison, dos Beatles. Ainda completa dizendo que o cantor teria tocado essa música para ela, no tempo em que ela esteve na Índia, estudando com Maharishi Mahesh Yogi, que era um guru e cita que tudo isso foi em Rishikesh, uma cidade indiana.

Esse fato promove no leitor, novamente, assim como quando é citado o Tancredo Neves, a sensação de que novamente se trata de confusões na mente da personagem ou devaneio, visto que, esse fato oferece maior possibilidade (a considerar-se o contexto em que é retratada a história e há a inserção dos personagens) de se tratar de uma criação imaginária do que de um relato concreto.

No que diz respeito a verbalização das lembranças, Candau (2012) elucida:

A lembrança, tal como ela se despõe na totalização existencial verbalizada, faz-nos ver que a memória é também uma arte de narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar nosso inevitável declínio. É por isso que muitas vezes as pessoas, ao envelhecer, tornam-se muito falantes ou então definitivamente silenciosas, após terem aceitado o inevitável. (CANDAU, 2012, p. 72).

Compreende-se, portanto, que a memória, segundo o autor define é, dentre outras questões, uma arte explanada no plano da oralidade. É também um meio encontrado por quem as viveu de manter de certa forma uma esperança, ou um caminho pelo qual busca-se o alívio de alguns traumas e sofrimentos do presente.

Além do mais é também há também uma tendência a depositar nessas lembranças uma certa esperança no futuro, munida de um sentimento de nostalgia, que é perpassado nas memórias, significativamente, positivas para o sujeito.

Segundo Candau, a forma com que as pessoas lidam com as memórias moldam, de certa forma o seu comportamento na velhice, sendo algo individual de pessoa para pessoa, sempre levando em consideração sua subjetividade, seus contextos e vivências individuais. Isso pode tender a tornar a pessoa mais introspectiva ou expansiva, a depender de sua personalidade atrelada a suas vivências.

A memória humana, definida como uma forma particular de conhecimento dos acontecimentos do passado, consistindo, da parte de quem rememora, em reativá-los e ordená-los, em parte ou totalmente, de maneira verídica ou errônea, ou ainda meio-verdadeira ou meio-falsa. Isso pressupõe a

codificação, o estoque e a retenção de informações de acordo com as modalidades que, tal como a reativação (evocação ou reconhecimento), variam infinitamente ao longo da vida de um indivíduo. (CANDAU, 2012, p. 60-61).

Em relação à abordagem das memórias colocada pela avó, durante a parte inicial da leitura surge implicitamente um questionamento no leitor: os relatos da avó são de fato verídicos?

Sobre o que Candau afirma, podemos encontrar uma evidência no conto, apresentada por uma abordagem do neto, sendo uma descrição do que ocorria com o processamento das memórias ministradas na mente da avó, mostrando a conservação das mais antigas e o apagamento das mais recentes.

Mas a doença era estranha, parecia preservar fatos grandiosos e antigos e roubar da minha avó justamente o que tinha mais utilidade. Ou talvez esse fosse o modo de ir anestesiando-a enquanto a arrancava, dia após dia, hora após hora, da vida". (LISBOA, 2016, p.37).

Retrata o fato de que a avó preserva em sua mente com mais clareza as memórias antigas, que parecem ser mais prazerosas que sua realidade. A doença afeta com mais intensidade as memórias presentes, de modo a fragmentá-las, como se isso fosse um mecanismo de defesa, uma maneira de diminuir o sofrimento que a condiciona a doença.

Posteriormente há um fato interessante na narrativa: o neto fica curioso com relação aos relatos da avó. Decide então pesquisar, e surpreendentemente descobre que a veracidade dos fatos que para ele pareciam impossíveis. Sim, Rishikesh existia, era uma cidade indiana, nessa cidade os Beatles estiveram no fim dos anos setenta e lá também se localizava o ashram de Maharishi Maresh Yogi.

O neto fica impressionado com a constatação da veracidade dos fatos, tendo achado aquele acontecimento algo incrível. Assim que sua mãe chega em casa, ele vai comunicar-lhe todo empolgado, por se tratar de algo surpreendentemente mágico.

A mãe, na narrativa, é retratada como uma mulher que se aparentava exausta, pelas descrições parecia naquele dia, ter tido muitas atribulações no trabalho, são mencionadas muitas contas e dívidas a pagar. Tanto é, que não demonstra interesse em ouvir o que o filho tinha a dizer, pedindo a ele que a contasse depois, apenas pergunta se a avó está bem, e retira-se de cena.

Após isso, a avó chama o neto, diz que quer lhe mostrar algo, pede para que ele pegue uma caixa que estava em um local alto. Dentro da caixa há nada mais nada menos do que uma foto de sua avó com George Harrison.

Ela me entregou a foto e disse Rishikesh. Balbuciu algumas coisas sobre Sua Santidade e também sobre Cynthia Lennon. George e minha avó usavam batas brancas, cabelos compridos e colares com flores cor de açafraão. Minha avó tinha uma bolinha vermelha entre as sobrancelhas. Podia ser a irmã mais velha de George. (LISBOA, 2016, p.40)

Nesse trecho, percebe-se a constatação, um fato verídico acerca do que era relatado anteriormente pela avó. Um fato concreto, dando a certeza de que de fato a avó esteve na Índia, em Rishikesh, que conviveu com Os Beatles, e teve uma relação próxima com eles, tanto que cita, em seu relato, Cynthia Lennon, que neste período era esposa de um dos fundadores do grupo musical, o John Lennon.

Cita também Sua Santidade, que é o Maharishi Maresh Yogi, o guru indiano. Outro fato que faz situar que a foto era realmente na Índia, são as vestimentas e acessórios, bem como o pontinho vermelho na testa da avó, intitulado bindi, descrito na foto, que é um traço cultural do povo do indiano.

Sobre a retratação dos fatos Candau (2016) afirma: “Os acontecimentos são tempos fortes que fazem memórias fortes; a dissolução do acontecimento na banalidade de todo-acontecimento origina, com certeza, memórias fracas” (p.101). Há uma oscilação quanto as descrições, ora a avó tem facilidade em descrever e contar os relatos, ora tem mais resistência, isso se dá pela qualificação das memórias, pois as que lhe marcaram positivamente com mais intensidade, permanecem mais claras em sua mente, portanto, a avó apresenta menos resistência em explaná-las.

O neto então decide conviver com essa oscilação de memórias que a avó demonstra, de maneira pacífica, não a questionando ou contrariando com relação a nenhuma lembrança dela. Ao que cita: “Passamos a tarde tocando e cantando, compartilhando histórias – algumas verdadeiras, outras não, mas que importância tinha?”. (LISBOA, 2016, p.40). Tornando possível o entendimento de que o amor do neto pela avó ultrapassava questões voltadas para o que ela dizia, ele a amava independente da forma com que ela explanada as ideias, se coerentes ou não.

Seguindo a narrativa, há a morte da avó, algo que acontece de maneira silenciosa e sem alardeios, onde retrata-se o sentimento de saudades do neto por

sua avó, visto que nesses últimos dias haviam estreitado os laços de carinho e afeto, mesmo a avó esquecendo de muitos detalhes de seu cotidiano, era perceptível o quanto o amor de ambos era recíproco.

Após a morte, o neto e a mãe foram arrumar o armário da avó, nisso o neto decide guardar objetos que tinham um valor significativo para a avó, segundo ele “tesouros” que seriam para ele, algo que faria lembrar tanto de sua avó quanto das histórias contadas por ela, e coisas que, de certo modo, fariam com que a avó fosse eterna.

Guardei comigo a caixa de sabonete onde havia alguns tesouros não identificáveis. Coisas que haviam feito sentido para a minha avó, coisas que haviam amaciado sua vida com o conforto do acúmulo quando ela inocentemente havia acreditado que seria para sempre – como todos mais ou menos acreditamos, sendo a morte um fenômeno alheio. (LISBOA, 2016, p.41)

A materialização de coisas que eram importantes para a avó traria ao neto a sensação de tê-la sempre por perto, visto que nele, as lembranças seriam despertadas quando ele revisitasse o conteúdo da caixa.

O neto explana, também nesse trecho, o quanto a convivência mais afetuosa da avó tinham lhe distanciado do pensamento de que ela, desde o início, estava com os dias de vida contados.

De certo modo, tornar os últimos dias de vida de sua avó mais prazerosos, diminuiu o sofrimento tanto da avó quanto dele, pois viu que reviver os momentos bons, recordar-se de situações prazerosas amenizou seu sofrimento antes da morte.

O que continha na caixa eram coisas extremamente simples, neste ponto percebe-se a coisificação, o sentido atribuído de maneira a ressignificar coisas e/ou objetos. O conteúdo da caixa pode ser considerado com valor monetário quase nulo. Objetos que só tinham relevância para o seu destinatário original, que era a avó, sendo, pois, utensílios que lhe trouxeram alegria em vida.

Na caixa estavam a carteira de trabalho, cartas de caligrafia, um vidro de perfume e algumas fotografias, que remetiam a lembranças de família, ou ao tempo que a avó cursara o ginásio. Porém, havia uma fotografia que chamou a atenção do neto:

Minha avó era muito jovem. Quanto tempo teria a cena retratada ali? Ela estava de mãos dadas com um homem. Fazia sol e ambos franziam a testa e mesmo a foto estando envelhecida e desbotada não havia dúvidas: era Tancredo Neves. (LISBOA, 2016, p.41)

Há, nesse momento, mais uma constatação da veracidade dos relatos da avó, visto que o que ela havia falado sobre sua ligação com Tancredo Neves, era de fato real. Saber disso deixa o neto anestesiado, paralisado e incrédulo, pois o que para ele era impossível anteriormente, era de fato verídico.

Descortinam-se, assim, tempos e memórias, os quais fazem sentidos no plano da ficção: “As cortinas estavam abertas e lá fora voavam pombos, num mundo estranhamente calmo, estranhamente comum” (2016, p.41), revelando uma concepção do neto, refletida em sua percepção da realidade existente.

Percebe-se no fim do conto, uma oposição entre o movimento ocasionado pela velocidade das lembranças promovidas a partir das memórias no rapaz internamente, e paralelo a isso, a calma do ambiente onde tudo ocorreu, estabelecendo que o turbilhão de acontecimentos ocorridos em um espaço quieto e cômodo, só foi perceptível ao neto e a avó, pela sensibilidade que tiveram em contemplar o poder e importância das memórias em sua existência.

Tem-se, de modo geral, o entendimento e dimensão do quanto as memórias são significativas na vida do sujeito, o quanto o constituem e são inerentes a sua vida, crescimento e formação em diversas áreas, bem como a social, afetiva e intelectual, tornando cada ser único, e com traços diferentes e específicos construídos a partir de suas vivências individuais, que se tornarão futuras memórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi observado nesta análise é perceptível a necessidade do estudo de escritores contemporâneos como Adriana Lisboa, e as respectivas temáticas abordadas em suas produções. Autores como Lisboa, têm muito a contribuir a nossa literatura, pela sua versatilidade escrita, por retratarem a realidade cotidiana de nossa época vigente e por possuírem facilidade de, em suas obras, se aproximarem da realidade dos leitores.

O período "pós-moderno" favorece a esses escritores, dando a oportunidade de terem sua obra algo conhecido, lido e estudado, descentralizando os ideais canônicos, sem os diminuir ou desfavorecê-lo. A centralização do patriarcado está fragmentada, permitindo que outras vozes reverberem e ecoem em obras de autoria feminina, que outrora eram vistas como inferiores e, por isso, eram praticamente invisíveis.

Em seu conto "Aquele no em Rishikesh", Adriana Lisboa aborda a questão da memória como tema central, sendo este um elo de afeto e cumplicidade entre os personagens principais apresentados na narrativa como neto e avó.

A memória da avó é tida, inicialmente, como algo desconexo, como sendo uma digressão ou delírio, por ela falar de coisas fantasiosas e surpreendentes que foram vividas por ela na juventude e que não se encaixam em seu contexto de vida atual. Até que há, no conto, evidências de verossimilhança no que é dito por ela, revelando que o que ela explanava, eram de fato, situações reais e concretas.

Inicialmente a música desperta as memórias da avó e, conseqüentemente, no neto. Para a avó, as lembranças são extremamente positivas e capazes de diminuir seu sofrimento ocasionado pela doença que ela tinha.

Ao fim, com a morte da avó, há a concretização da veracidade das memórias explanadas pela avó e uma reflexão implícita acerca da vida, e do quanto as memórias são importantes para o sujeito, o quanto o torna único e o quanto são indissociáveis de sua existência e que podem, a depender da circunstância, como por exemplo a situação explanada no conto, perdurar por gerações, eternizando-se.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A personagem no romance. In: _____ .**A personagem de Ficção**. (Orgs.). São Paulo: 2 ed. Perspectiva, 1968. p.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética** (A teoria do Romance). São Paulo: Hucitec, 1998.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. Trad: Maria Letícia Ferreira. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador ensimesmado**: O foco narrativo em Vergílio Ferreira. São Paulo, Ática, 1978.

FERNANDES, Gisèle Manganelli Fernandes. O Pós-Modernismo. In **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. (orgs.). Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 301-315

LISBOA, Adriana. **O Sucesso**: Contos. 1ed. Rio de Janeiro. Alfabeta, 2016.

PERRONE MOISÉS, Leyla. **Flores na escrivaninha**: Ensaio. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

PERRONE MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. 1ªed. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

TODOROV, Tzevetan, **Estruturalismo e Poética**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo. Cultrix, 1976.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. (orgs.). Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 327-336

Webgrafia:

<https://www.adrianalisboa.com/> (blog da autora). Acesso 22/10/ 2018.

<http://rascunho.com.br/adriana-lisboa/> (acesso em 22/10/2018).

<https://www.vagalume.com.br/the-beatles/while-my-guitar-gently-weep-traducao.html> (acesso em 22/10/2018).

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa469846/adriana-lisboa> (acesso em: 22/10/2018)

ANEXO

Aquele ano em Rishikesh

I look at the world and I notice it's turning.

George Harrison

Foi quando eu estava tentando tocar "While My Guitar Gently Weeps". Dos quatro, George sempre foi o meu Beatle. Sinto que poderíamos ter sido grandes amigos, exceto pela coisa de ele ser Hare Krishna, que hoje em dia soaria meio ultrapassado e acho que não faria muito sucesso. Mas dá para entender que naquela época fosse bacana o lance místico indiano, era novidade, era diferente, era uma alternativa a tudo o que estava ali e que talvez ainda esteja aqui, mas ao que parece já não incomoda tanto.

Eu o admirava também por ele ser um Beatle quieto, com aquele jeito caladão de quem recuou alguns passos, virou uma espécie de espectador, enquanto as outras pessoas coaxam e pulam por aí feito sapos hiperativos. John era o cara para os momentos de raiva. Paul era o cara para os momentos de dizer bom dia, sol. Ringo era o cara que vinha se solidarizar comigo quando eu estava me sentindo meio por baixo, já que na companhia

de Ringo nada podia ser levado muito a sério. E George era George, quieto — L'Angelo Misterioso. Perguntaram-lhe num programa de tevê se ele era, dos quatro, o cara que conseguia mais garotas, porque garotas gostam de homens assim, quietos, com uma aura de mistério. George disse que não, que dos quatro o que conseguia mais garotas era Paul.

Que merda George ter morrido tantos anos antes. Sim, que merda também por John, claro, mas havia alguma coisa no fato de George ter morrido de câncer no pulmão, depois de ter se curado de um câncer na garganta — dizem que ele sofreu o diabo com o câncer que acabou com ele por fim, e que seu médico um dia levou a família (dele, médico) para visitá-lo e todos começaram a cantar e fazer uma barulhada e George, mal conseguindo respirar direito, pediu por favor parem de falar. E que o médico fez George autografar uma guitarra para o filho. E George disse nem sei se ainda sei assinar meu nome, e o médico soletrou. Vamos lá, você consegue. G E O R.

John topou com seu *instant karma* ao sair de casa certo dia. O karma de George não teve nada de *instant*. Foi coisa de torturador chinês. Mas acho que os Hare Krishna acreditam em reencarnação e acho justo que a existência e a pós-existência de cada um seja conforme aquilo em que a pessoa acredita, então pode ser que George reencarne de uma forma sensacional depois dessa.

Embora — sejamos honestos: que outra forma de vida mais sensacional pode haver depois que o sujeito encarna como Beatle e compõe “While My Guitar Gently Weeps”? Talvez George reencarne como outro tipo de Beatle num outro planeta ou dimensão onde não existam coisas como câncer e, conseqüentemente, oncologistas e nomes soletrados para um autógrafo numa guitarra. (Deviam soltar Mark Chapman e colocá-lo no enalço desse médico.)

Eu estava no quarto da minha avó. Ela já estava num estágio da sua doença em que se irritava com facilidade, vivia confusa, às vezes começava uma frase e parava no meio. Foi mais ou menos seis meses antes que ela morresse e cinco anos depois que fizeram o diagnóstico.

Minha avó tinha oitenta e dois anos. Ela não gostava de ficar sozinha. Tinha perdido muito peso e eu ficava impressionado com a espessura dos seus punhos e tornozelos. Sobretudo os tornozelos. De uma hora para outra ela havia murchado, havia secado como ameixas deixadas por tempo demais na geladeira, a pele dela tinha virado uma superfície parecida com a bolsa de couro falso que minha mãe comprou no camelô no centro da cidade com as iniciais MK que acho que pertencem a um cara da moda. E eu olhava para a minha avó e pensava em George e em por que as pessoas são obrigadas a continuar vivendo quando visivelmente já não há mais graça nenhuma nisso.

Quando oncologistas do mal vêm soletrar o seu nome para que você possa autografar a guitarra do filho deles. Quando a pessoa já não consegue mais saber o que fez hoje de manhã e tem dificuldade até para reconhecer o único neto — eu, no caso da minha avó. O karma da minha avó também não tinha nada de *instant*.

E ela não gostava de ficar sozinha, então, quando a moça que cuidava dela estava de folga e minha mãe não estava em casa, eu ia para o seu quarto. As cortinas tinham que ficar permanentemente fechadas porque ela achava que alguém no prédio em frente estava tentando espioná-la, espionar nossa família. E eu explicava que ninguém estava tentando espionar a gente, e minha avó sacudia a cabeça e dizia, eu sei o que fizeram com a Cristina. A Cristina morreu. Eles mataram. Eu não sabia quem era Cristina e ela também não explicava mesmo que eu perguntasse. Às vezes começava a explicar e parava no meio, mas não de repente, a voz ia ficando cada vez mais distante como um trem que você vê se afastando até sumir numa curva. Ou então ela chorava, um choro baixinho, que você quase que só identificava pelo brilho que as bochechas magras dela adquiriam com as lágrimas, e eu ficava sem saber o que fazer. Mas logo em seguida ela esquecia que estava com o rosto todo molhado, segurava minha mão, me pedia para sentar ao seu lado e me dizia puxa como você cresceu, Artur. O amor que eu sentia por ela

era uma fisgada, era uma torção dentro do peito, e eu colocava a outra mão por cima das nossas mãos e dizia vó, meu nome não é Artur.

Num desses dias, levei a guitarra e o amplificador para o quarto dela, aquela penumbra meio acolchoada, era como se o ar ali dentro fosse mais espesso do que nos outros lugares. Não que fosse ruim. Depois de um tempo realmente ficava estranho, desconfortável, eu começava a me sentir claustrofóbico e tentava convencê-la a ir para a sala (às vezes ela ia. Às vezes eu ligava a tevê, mas ela não prestava atenção por mais do que cinco minutos). Mas no início tudo bem, era como se eu estivesse entrando no mundo da minha avó, um mundo fresco e mais escuro e com cheiro de Água de Rosas. Era quase possível pensar como ela, sentir como ela, compartilhar aquele espaço de confusão por trás do seu rosto que às vezes ficava sem expressão e ela ficava estranhamente parecida com um manequim de uma loja. Exceto pelo fato de que todos os manequins de todas as lojas têm vinte anos de idade.

Vó. Você se importa que eu toque?

Ela olhou para mim e disse há?

Você se importa que eu toque? E levantei a guitarra um pouco mais alto.

Mas ela não respondeu, apenas suspirou e olhou para a janela como se a janela não estivesse tapada por uma cortina e como se lá atrás houvesse uma paisagem melancólica e inglesa.

Entendi aquilo como um tudo bem, liguei o amplificador, coloquei o volume bem baixo. Comecei com “While My Guitar Gently Weeps” do início, a base que George tocou na gravação do Álbum Branco (o solo foi de Eric Clapton, embora os créditos não apareçam no disco), cantarolando a melodia com uns pedaços de letra esgarçados aqui e ali.

Minha avó olhou para mim. Olhei para ela. Parei de tocar, achando que talvez a estivesse incomodando. Pensei em George morrendo e tendo que pedir à família de seu médico por favor parem de falar. Mas ela só ficou me olhando, sem dizer nada.

Continuei de onde tinha parado. Quando cheguei à parte do “I look at the world” etc., ela sorria e balançava a cabeça junto. Quando terminei, ela disse essa é a minha preferida.

A sua preferida?

Eu me lembro dele tocando essa música para a gente, aquele ano em Rishikesh.

Ele quem?

Menino, você sabe. George Harrison. George Harrison dos Beatles.

Eu me lembrei de quando minha avó disse que tinha namorado Tancredo Neves. Muito pouco do que ela dizia, agora, dava para ser levado a sério. Eu tinha a impressão de que tudo rodopiava ali dentro como se o seu cérebro fosse um grande liquidificador, e a pasta do que ela processava do

mundo misturava passado, presente, sonhos, imaginação, filmes, livros, notícias de jornal, qualquer coisa. Ela podia ter sido a primeira mulher a pisar na Lua, podia ter vivido em Paris ou na Índia, sido motorista de ônibus, artista plástica, faxineira. Só não estava ao seu alcance aquilo que a doença já tinha roído da sua mente. O resto era como uma coleção de itens em prateleiras de um supermercado, que você tem liberdade para ir pegando sem qualquer critério, se quiser — ainda que passar no caixa seja outra história. Mas a doença era estranha, parecia preservar fatos grandiosos e antigos e roubar da minha avó justamente o que tinha mais utilidade. Ou talvez esse fosse um modo de ir anestesiando-a enquanto a arrancava, dia após dia, hora após hora, da vida.

George Harrison tocou essa música para você, vó?

Aquele ano que a gente passou em Rishikesh estudando com Sua Santidade, ela disse.

Fez uma pausa, vasculhou lá dentro.

Sua Santidade Maharishi Mahesh Yogi. Eu lembro que ele ria muito.

George Harrison ria muito?

Sua Santidade ria muito, ela disse, e riu também, e levou momentaneamente as mãos com as palmas unidas ao peito. Eu nunca tinha visto a minha avó fazer aquilo antes.

Você sabe tocar outras?, ela perguntou.

Outras músicas dos Beatles?

Ela fez que sim. Toquei todo o meu repertório, que era basicamente Beatles à exceção de “Band On The Run”, que é vinte e cinco por cento Beatles também. E então ela me pediu que a ajudasse a ir para a sala, coisa rara, e se sentou na sua poltrona preferida, que apesar de tudo ela não esquecia qual era, ainda que às vezes não conseguisse se lembrar se gostava ou não de figos ou bananas. Em poucos minutos, cochilava.

Fui para o meu quarto um tanto catatônico, num misto de temor religioso e fascinação pela minha avó. Fui confirmar os dados e sim, Rishikesh era aquela cidade na Índia onde ficava o *ashram* de Maharishi Mahesh Yogi, onde os Beatles estiveram no fim dos anos 1960 e onde compuseram um monte de canções. Incrível que minha avó conseguisse associar a música que eu tinha tocado a tudo isso. E se lembrar da música, e que era de George e tudo mais. E se incluir na história, ainda por cima.

Minha mãe chegou do trabalho pouco depois, trazendo pão com excesso de bromato e ameaçadores envelopes com logotipos bancários no canto. Largou tudo em cima do balcão da cozinha, perguntou como estava minha avó.

Na sala, cochilando, falei. Mãe, você não vai acreditar na história que ela me contou hoje.

Preciso tomar um banho. É um remédio para dor de cabeça. Você me conta depois — e num gesto contínuo, fluido, ela foi até o seu quar-

ro, atirou a bolsa em cima da cama e as iniciais falsificadas do cara da moda tilintaram, apanhou uma roupa que estava jogada por ali e foi para o banheiro. Eu escutei o chuveiro sendo ligado, e a pobre água cansada e clorada assumir a responsabilidade de lavar o dia da minha mãe de cima dela, do corpo dela, de sua alma. Haveria também produtos com cheiros especiais e embalagens que os faziam parecer mais caros do que eram.

Minha avó apareceu no corredor, o cabelo um pouco solto do coque, arrastando os pés nos chinelos felpudos que sempre ficavam meio tortos. Passou por mim, foi para o seu quarto, abriu o armário.

Menino, ela chamou, com sua voz pequena. Vem cá.

Fui até a porta.

Preciso apanhar uma coisa ali no alto. Atrás dessas caixas.

Subi na cadeira para alcançar o que ela queria. Removi caixas de formatos variados, nenhuma delas com uma função identificável no mundo, tirei sacolas com coisas de pano cheirando a mofo. Até encontrar uma caixa de sabonetes e ela me dizer é essa, dê aqui. As mãos da minha avó estavam esticadas e ligeiramente trêmulas — estavam quase sempre trêmulas, não havia nenhuma solenidade naquele momento, como poderia parecer. Da minha parte teria havido, se eu soubesse que ela ia revirar o conteúdo da caixa, com calma e dedos

ossudos, sentada como um pequeno duende sobre a colcha amarela de sua cama, e tirar dali uma foto sua com George Harrison.

Ela me entregou a foto e disse Rishikesh. Balbuciou algumas coisas sobre Sua Santidade e também sobre Cynthia Lennon. George e minha avó usavam batas brancas, cabelos compridos e colares de flores cor de açafráo. Minha avó tinha uma bolinha vermelha entre as sobrancelhas. Podia ser a irmã mais velha de George.

Passamos a tarde do dia seguinte tocando e cantando, compartilhando histórias — algumas verdadeiras, outras não, mas que importância tinha? — sobre os Beatles. Passamos muitas outras tardes fazendo isso. Ela me dizia as músicas que queria que eu aprendesse, eu aprendia.

Até que um dia, sem aviso e sem drama, minha avó morreu. Não sei se ela sabia o meu nome ou se eu era apenas aquele rapaz que tocava suas canções preferidas na guitarra, um avatar do quarteto de Liverpool surgido como que por milagre no seu caminho. Um presente enviado do além pelo Maharishi? Minha avó já não precisava encontrar lógica nas coisas ou forjar lógica para as coisas que aparentemente não tinham nenhuma. O mundo era uma grande viagem, Lucy no céu com diamantes.

Depois que ela morreu, fomos arrumar seu armário. As roupas de algodão, os chinelos felpudos que ficavam sempre meio tortos nos seus pés.

O amontoado de sacolas e caixas. Minha mãe chorou, eu a abracei, e mais tarde, quando não havia público, chorei também. Guardei comigo a caixa de sabonetes onde havia alguns tesouros não identificáveis. Coisas que haviam feito sentido para a minha avó, coisas que haviam amaciado a sua vida com o conforto do acúmulo quando ela inocentemente havia acreditado que seria para sempre — como todos mais ou menos acreditamos, sendo a morte um fenômeno alheio.

Na caixa de sabonetes havia sua carteira de trabalho, cartas com caligrafia de uma época em que as pessoas estudavam caligrafia sob a tutela de freiras e padres, um vidro vazio de perfume. E algumas fotografias: à exceção daquela relíquia de Rishikesh, todas pareciam ser lembranças de família ou do ginásio, moças vagamente semelhantes a personagens de filmes antigos. Revirei as fotografias em busca de mais Beatles, não havia nada.

Uma delas, porém, me chamou a atenção. Minha avó era muito jovem. Quanto tempo teria a cena retratada ali? Ela estava de mãos dadas com um homem. Fazia sol e ambos franziam a testa e mesmo a foto estando envelhecida e desbotada não havia dúvidas: era Tancredo Neves. Olhei pela janela do quarto dela, sentado em sua cama com a colcha amarela. As cortinas estavam abertas e lá fora voavam pombos, num mundo estranhamente calmo, estranhamente comum.